

Um soco de sensibilidade é dado para sentirmos dor e todas essas coisas que todo mundo sente.

O que tenho realmente olhado ao meu redor. Teoricamente eu conheço toda a materialidade das coisas. Eu quero estudar fotografia só de ver os livros. Não por que eu me encante pela câmera, mas eu preciso dar olhos para alguma coisa. Eu tenho pensado desesperadamente o que é o trabalho. Eu então - eu sei que eu não faço nada, durante um dia inteiro sem o trabalho..Eu acordo nos meu lençóis que alguém teceu e na cama que alguém construiu. Alguém fez a estrutura, alguém colocou a espuma, o tecido também veio de outro lugar. Eu levanto e desligo o despertador. Eu nem consigo acordar sem depender do trabalho que alguém fez. Aquele monte de peças e programas que é meu celular, eu tiro do carregador e ligo a luz. Que está ali se ligando porque alguém trabalha pra isso, alguém GERA tudo aquilo que eu PAGO. Eu ando no chão desse prédio que eu não construí, pintado com tintas que eu não sei como são feitas. Venho até a cozinha, acendo o gás que o entregador trouxe para mim até minha casa e passo um café que eu não plantei, não cuidei, nem colhi, nem moí ou embalei. Eu peguei ele depois de alguém ter colocado na prateleira e alguém precisa estar ali para me dizer quanto eu devo pagar por ele e receber esse dinheiro que não é dele. Eu me pergunto o que estou fazendo com a minha vida. E o que estou fazendo com todas essas vidas dos outros ao meu redor, sendo alguma coisa absolutamente condicionada pela existência delas. E isso tudo o que eu recebo para dar em troca, vem desse sistema onde, meu papel, hoje é ser paga para pensar. Numa instituição mantida pelo dinheiro público. Pela segunda vez eu vivo das coisas dos outros. Eu levando a manhã e rodeada nessas coisas que eu não fiz, sou feita para pensar como as pessoas fazem elas. Como elas são feitas, digo, como são feitas as pessoas que fazem coisas? Do que elas são feitas? Isso me angustia de um jeito encantado. Eu posso estar em um mundo feito de trabalho, sem sentir o que ele é. É natural que eu e as coisas estejamos ali, só pode ser, não tem outro mundo! E até o asfalto fica lindo, se vemos nele todas as mãos, desde a pedra até o petróleo, a pá que espalhou tudo com as mãos no cabo, com as mãos nos braços e os braços nos ombros e os ombros no corpo. Essa força que tudo emana e que passa despercebida. As rodas e os pés não notam o chão. No carro a bunda não sente o banco. A pele não sente a roupa que protege do frio, logo, não sinto o frio do outro que não tem casaco. A desconexão que temos do trabalho, a tal alienação, o tal estranhamento, é tão cotidiano. Tão banal. Não sabemos nada sobre o preço do esforço humano, me digam economistas, quanto custa a vida? Quanto eu gastei da vida dos outros com a minha? Que valor tem -eu- essa mercadoria? Mesmo que me mostrassem, eu acreditaria? Esse saber que não se sabe eu não sei nem usando tudo todos os dias. Nem que eu morresse eu saberia custo da madeira moldada pra que eu me deite pra sempre. Nem assim eu teria plantado as flores, nem assim eu terei cavado a cova. Nem morta eu posso saber o que é produzir vida.

Stéfany Rettore Garbin